

Memória, ativismo e resistência: os poemas de protesto nas obras de Márcia Wayna Kambeba-Omágua

Memory, Activism and Resistance: Protest Poems in the Works of Márcia Wayna Kambeba-Omágua

Thais Viana BARBOSA*

Universidade Federal de São Carlos(UFSCar)

RESUMO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº2024/05792-7. A literatura indígena contemporânea tem se consolidado enquanto um movimento estético-literário em que escritores indígenas têm explorado memória e ancestralidade na composição de novos imaginários sobre os modos de ser e se fazer originários. Obras como *O Lugar do Saber Ancestral* e *Saberes da Floresta* de Márcia Wayna Kambeba exemplificam essa proposta literária ao enfatizar a conexão entre memória, território e resistência indígena. Ao tensionar as hierarquias e estruturas de poder, os poemas denunciam as violências sofridas desde o período colonial, ao mesmo tempo em que valorizam e fortalecem a causa indígena no país. As constantes menções aos corpos, territórios e a ancestralidade indígenas imprimem sobre o campo da literatura, assinaturas e formas de territorializações que são próprias dos povos originários, recriando e atualizando, assim, práticas de resistência e pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura indígena contemporânea. Memória. Ativismo.

ABSTRACT: This work was carried out with the support of the São Paulo Research Foundation (FAPESP), Brazil. Grant nº 2024/05792-7. Contemporary Indigenous literature has been establishing itself as an aesthetic-literary movement in which Indigenous writers explore memory and ancestry in the creation of new imaginaries about Indigenous ways of being and making. Works such as *O Lugar do Saber Ancestral* and *Saberes da Floresta* by Márcia Wayna Kambeba exemplify this literary approach by emphasizing the connection between memory, territory, and Indigenous resistance. By challenging hierarchies and power structures, the poems denounce the violence suffered since the colonial period while simultaneously valuing and strengthening the Indigenous cause in the country. The constant references to Indigenous bodies, territories, and ancestry imprint signatures and forms of territorialization onto the literary field that are unique to Indigenous peoples, thus recreating and updating practices of resistance and belonging.

KEYWORDS: Contemporary Indigenous literature. Memory. Activism.

Introdução

* Mestre e doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), São Carlos - SP, e-mail: thais.viana@estudante.ufscar.br.

Pra que serve a cultura indígena?

A vida nasce da fecundação
E renasce em cada olhar
Renasce em cada sonho
Nas entrelinhas escritas do caminhar.

A cultura é rememorada
Construída no entrelaçar das mãos.

No conhecimento de gerações
Guardados na alma e no coração.

Na cultura indígena
Que é rica e sagrada
Encontra-se a beleza
Que o branco cobiçou.
Na luta por muitas vidas
O preconceito é opressor.

Conhecer a cultura do outro
É respeitar sua vivência,
Conhecer a sua dor.

Nossa cultura vem de gerações
E é família
Não se prostitui e é espiritualizada
Não quer maldade
Traz na alma o ser irmão
E no peito a multiculturalidade.

“Pra que serve a cultura indígena?”
Para que possa renascer e florir
Para que as nações
Possam ter razão para resistir.

“Pra que serve a cultura indígena?”
Para que dessa concepção
Venham nascer kurumins e kunhantãs
Com força dos muiraquitãs.

E nessa relação de amor e desejo
Possa ter mais compreensão
Pela vida, pelo outro, pela cultura
Com humanidade é o que desejo.

“Pra que serve a cultura indígena?”
Para gerar o amanhã que almejo
Gestando amor, paz nesse mundo que vejo.
“Pra que serve a cultura indígena?”

(Kambebe, 2021[2020], pp. 92-93, grifo da autora)

Pra que serve a literatura indígena?, questiona Márcia Wayna Kambebe em um poema que reúne parte das questões mobilizadas pela literatura indígena contemporânea. Não se limitando à compreensão de que a cultura é uma herança estática ou um resquício

de um passado longínquo, a autora apresenta esta última como força motriz da luta histórica indígena. As culturas indígenas são entendidas como espaços de memória, ancestralidade, espiritualidade e produção de conhecimento. São, assim, fundamentais para a continuidade dos povos originários, e é nesse contexto que a escrita dessas culturas via literatura consolida mais um campo de luta e resistência para esses grupos.

Nesse sentido, a literatura indígena contemporânea tem despontado como uma potente ferramenta político-discursiva de resistência e autoafirmação identitária. Entre as vozes indígenas na literatura, destaca-se Márcia Wayna Kambeba, artista, ativista e pensadora indígena do povo Kambeba-Omágua (AM), cuja produção articula oralidade, memória, ancestralidade, territorialidade e escrita. Suas obras transformam a literatura em um espaço de denúncia e ativismo, ao mesmo tempo em que reivindicam outros regimes de produção de conhecimento e formas múltiplas de habitar, ser e existir próprias dos povos indígenas.

Acerca disso, este trabalho propõe uma reflexão sobre os poemas de protesto de duas das obras da escritora indígena: *O Lugar do Saber Ancestral* (2021[2020]) e *Saberes da Floresta* (2020). Refletindo sobre como a escrita de Kambeba articula as cosmologias, territórios e ancestralidades originárias, pretende-se demonstrar a contribuição destas publicações para a luta e ativismo indígenas. Com isso, o artigo reforça o entendimento do papel da literatura indígena contemporânea, como ferramenta de resistência e memória estético-literária.

A discussão salienta, assim, o modo como as obras constroem um espaço de resistência e enunciação, imprimindo sobre o texto literário assinaturas próprias dos povos indígenas e divide-se em três momentos principais. O primeiro contextualiza e expõe a literatura indígena contemporânea. O segundo, apresenta Márcia Wayna Kambeba e suas duas obras analisadas. Por fim, o terceiro momento reflete sobre a potencialidade desta literatura como forma de resistência e ativismo indígena.

Logo, o trabalho insere-se em um contexto de valorização das vozes indígenas na literatura e no pensamento crítico, destacando a importância da literatura indígena para a reconstrução da História dos povos originários, em seus próprios termos. Por essa razão, cada seção do texto é precedida por um poema das obras aqui destacadas.

1. Literatura indígena contemporânea

Povo Originário

Não sou “índio”
Tenho povo, sou nação
Em tempos passados
Me apelidaram, saquearam
Sem permissão.

Fizeram aldeamentos
Fui amarrado, escravizado
A mata me escondeu
Flechas atirei para ferir
Carabina me rebateu.

Resisti para mostrar
Que a educação vem de berço
Com amor no ensinar.

Sou Kambeba, Kokama,
Tapuia, Waiãpi,
Sou Mura, Bororo,
Sou Tembé, Wai Wai,
Munduruku, Suruí.
Sou Zoé, Macuxi,
Tupinambá, sou Matis,
Pataxó, Kayapó,
Miranha, Assurini.

Sou Karajá, Tikuna,
Arapium, Apinajé,
Borari, Tukano,
Aimoré, Amanayé.

Potiguara, Tabajara,
Canela, Guajajara,
Truká, Pankararú,
Kariri, Fulniô, Xucuru,
Xavante, Karipuna,
Caeté, Tupiniquim.

Pacajá, Turiauaara,
Guajá, Kaapor,
Jacundá, Tapirapé,
Nambiquara, Anambé.

Kamayurá, Aiaká, Parintintin,
Carijó, Kiriri Tacanas, Katukina,
Tapirapé, Choupana, Pareci,
Canoeiro, Apurinã, Wapixana.

Arapaso, Arara, Aranã, Arara do Pará,
Arikapu, Aruás, Marajoara, Bakairi,
Ashaninka, Huni Kuin, Aweti,
Aticum, Gavião, Hixkaryana, Jarawara,
Kadwéu, Kaimbé, Kaixana, Kaingang.

Kalapalo, Kalankó, Suruí Paiter,
Kanamari, Kanataturé, Kanoê,
Kapinawá, Karapotó, Kariri-Xocó,
Katukina, Krenak, Kulina, Kaxixó,
Cinta Larga, Kuripako, Kuruaya.

Makurap, Makuxi, Palikur, Pankaru,
Parakanã, Mura, Suyá,
Sateré-Maué, Shanenawa,
Xaréu, Witoto, Xakriabá, Xipaya, Xokleng,
Xokó, Yawalapiti, Yawanawá, Juruna/Yudjá,
Zuruahã, Kambixuru, Terena,
Yanomami, Guarani,
Sou daqui e estou aí.

Onde moro se chama aldeia
“Tribo” não se diz por aqui
Minha casa se chama uka
Território, meu lar
Sou a terra beijando o verde
Sou o azul colorindo o mar.

Aprendo com o dia a dia
A ter respeito por meu sagrado chão
Minha sala de aula é alegria
Minha merenda é fruta-pão
Com chá de capim-santo
Vejo a hora pelo sol
Sem pressa de aprender
Porque amanhã é continuação.

Escrevo na terra molhada
Na areia para água levar
Mensagens ao boto rosa
Recadinho para Iara guardar.

Falar a língua materna
Terna é a mãe que ensinou
A força de ser persistência
Resistência em mim tem valor.

Quero escrever um novo tempo
Com a tinta que vem da união
Pensar universos e pontes
Sem guerra, preconceito e discriminação
Sou povo originário da cor da terra
Valente na guerra, quero paz no coração.

(Kambebe, 2020, pp. 67-69, grifo da autora)

A produção escrita de autoria indígena no Brasil, publicada a partir da década de 1980, seja em português, em línguas indígenas ou no formato bilíngue, tem sido compreendida por intelectuais e escritores indígenas como Graça Graúna (2013), Eliane

Potiguara (2019[2004]; 2023), Daniel Munduruku (2022) e Trudruá Dorrico¹ (2018; 2020; 2020), sob a denominação de literatura indígena contemporânea. Esse conceito, longe de designar apenas um conjunto ou tipo específico de obras produzidas por pessoas indígenas, busca evidenciar um movimento estético, político e epistemológico em que escritores e escritoras indígenas mobilizam uma série de categorias próprias tais como ancestralidade, memória e territorialidade para construir novos imaginários sobre suas culturas, modos de ser, existir e resistir. Tais produções encontram-se intimamente articuladas às agendas políticas indígenas e às lutas em defesa dos corpos e territórios originários (Danner; Dorrico; Danner, 2018).

As obras literárias indígenas, publicadas no formato de livro impresso, têm se revelado como “um dos ativismos mais fundamentais pelo qual [indígenas] se engajam para sua própria autonomia intelectual, social e cultural” (Dorrico, Danner & Danner, 2020, p. 239), constituindo-se não apenas como expressão estético-literária, mas também como instrumento de afirmação política, produção de conhecimento e modo de enfrentamento aos desdobramentos da colonização.

Nesse contexto, as reflexões desenvolvidas por Marcos Natali em *Literatura em questão* (2020), oferecem um arcabouço teórico relevante para se pensar as produções indígenas para *além da literatura*. Ao questionar o caráter universal e democratizante da instituição literária, o autor evidencia que frequentemente os processos de reconhecimento e legitimação literária operam como mecanismos de tradução cultural que podem neutralizar diferenças epistemológicas fundamentais. Logo, a inserção de narrativas de origem², cantos e testemunhos indígenas no âmbito exclusivo da literatura podem implicar em violências tradutoras que os converte em simples “ficção” ou “arte”, obliterando articulações próprias de regimes de conhecimento, memória, espiritualidade e modos coletivos de existência.

A noção de literatura indígena contemporânea elaborada e defendida por escritores e intelectuais indígenas parece incorporar várias das preocupações levantadas

¹ Trudruá Dorrico é nome indígena adotado pela pesquisadora e intelectual Macuxi, Julie Dorrico. As suas publicações podem ser encontradas sobre os dois nomes. Neste projeto, os trabalhos da intelectual serão sempre nomeados a partir do nome indígena da autora em consonância com os desejos e autoafirmação da mesma.

² É adotado aqui o termo narrativas de origem, ao invés do emprego do jargão antropológico- mito(s) e mitologia (s), em consonância com as críticas decoloniais indígenas, principalmente no que toca o Movimento Indígena e a recusa à colonialidade do termo “mito”.

por Natali (2020) no que diz respeito aos limites e as implicações da categoria literatura. Essas publicações não buscam uma assimilação pelos parâmetros estéticos consagrados pela crítica, mas reiteram as dinâmicas e tensionamentos entre oralidade e escrita e ficção e experiência, de maneira que a escrita torna-se um instrumento importante “na busca pela autonomia em um processo no qual se tornar agente de sua produção contribui para desconstruir a objetificação e os estereótipos frequentes na representação elaborada pelo olhar alheio” (Barros, 2022, p. 17).

A partir dessa perspectiva, a escrita de autoria indígena, pode ser compreendida como espaço de elaboração de epistemologias contra-hegemônicas que questionam radicalmente os limites da literatura e o próprio cânone literário, de forma que tais publicações manifestam-se na recusa da separação entre fato e ficção, humano e outros que humanos (De La Cadena, 2019), bem como pela multiplicidade de vozes que são expressas pelo eu-narrador, articulando ancestralidades, coletividades, agências humanas e não-humanas e modos de territorialização indígenas (Barboza, Tukano & Waiwai, 2019). Mais do que um movimento de inclusão e representação, as publicações indígenas fazem ver outros sistemas epistêmicos e cosmológicos que desafiam pressupostos ocidentais, mantendo em aberto as disputas em torno do sentido da História e do direito de definir a “Natureza” (De La Cadena, 2019).

Nesse sentido, a escrita de autoria indígena tem feito ecoar, na forma de texto literário, vozes que foram historicamente silenciadas pela colonização e formas de (r)existência dos povos originários. Sobretudo, quando o sujeito de enunciação é coletivizado em um *eu-nós lírico-político* (Dorrigo, 2017), ou seja, constitui-se enquanto uma voz-narrativa militante, ativista e engajada que evoca “as tradições, as práticas e os valores próprios aos povos indígenas, ao mesmo tempo em que denuncia e combate as situações de marginalização, exclusão e violência vividas e sofridas por eles” (Danner, Dorrigo & Danner, 2018, p.166). A literatura indígena é:

portanto, uma criação de indígenas que buscam tanto sintetizar as perspectivas antropológico-ontológicas e estético-literárias de seus povos para si [...] quanto trazê-las para o contexto mais amplo da sociedade brasileira e, nesse sentido, estabelecer uma discussão direta com sujeitos, instituições e contextos culturais citadinos e modernizantes, levando para o centro do debate a condição e a causa indígenas no país a partir da constituição de uma voz-práxis autoral direta, carnal, pungente e vinculada, de cunho político e politizante, em que as experiências pessoais-grupais de exclusão, de marginalização e de violência como indígena, bem como a publicização de sua alteridade étnica,

antropológica e cultural, dão a tônica seja dessa vinculação social, seja dessa perspectiva crítico-criativa. (Danner, Dorrico & Danner, 2020, p. 370)

As constantes menções à vida nos territórios, as experiências vividas e aos conhecimentos ancestrais, valorizam e exaltam as formas de expressão indígenas em sua dimensão coletiva. De tal forma que na literatura indígena contemporânea, “o eu-narrador não é apenas duplicado pelo efeito autobiográfico. Pode também ser habitado por uma multiplicidade de vozes que constituem um verdadeiro mosaico narrativo” (Danner & Dorrico, 2018, p. 247). Como destacam Kopenawa e Albert (2015, p. 539):

o “eu” narrador [indígena] é indissociável de um “nós” da tradição e da memória do grupo social ao qual ele quer dar voz. Portanto, o que ouvimos é um “eu” coletivo tornado autoetnógrafo, movido pelo desejo ao mesmo tempo intelectual, estético e político de revelar o saber cosmológico e a história trágica dos seus aos brancos dispostos a escutá-lo.

Isso manifesta-se, por exemplo, no poema que inaugura esta seção, em *Povo Originário* (2020), Márcia Wayna Kambeba rememora as violências da invasão portuguesa, da escravidão e dos aldeamentos ao increver sobre o texto a experiência histórica da resistência indígena como elemento constitutivo de memória coletiva. Ao mesmo tempo em que identifica diferentes povos, afirmando a pluralidade étnico-cultural indígena e a continuidade e resistência secular dos povos originários. O poema reivindica ainda outras práticas de conhecimento e aprendizagem pautadas na relação com os territórios, com seres outros que humanos e com a língua materna, de forma que o eu-nós narrador subverte concepções ocidentalizadas de linguagem, educação e conhecimento. Memória coletiva, modos de resistência e identidades aparecem no texto para legitimar as formas indígenas de habitar, conhecer e narrar o mundo, a partir de relações estabelecidas com o território e seus constituintes humanos e não-humanos, tais como o boto, a terra e a água.

As literaturas indígenas, ganham, assim, contornos experienciados, corpóreos e afetivos ligados pelas relações ancestrais de cada povo com seus territórios, ao mesmo tempo em que denunciam o passado histórico. As obras acionam experiências de corpos e territorializam na escrita os modos de vida e as epistemologias indígenas (Barboza, Tukano & Waiwai, 2019), em uma escrevivência (Evaristo, 2007, 2020) de mundos e cosmologias, ou seja, uma escrita que dá conta das dimensões comuns às culturas, experiências coletivas e corporeidades indígenas. Para as escritoras e pensadoras Eliane

Potiguara (2023, pp. 59-60) e Márcia Wayna Kambeba (2020, pp. 16-18), a literatura indígena contemporânea é, respectivamente:

[...] mais que textos escritos nos papéis. Ela é a própria história dos povos indígenas contadas nas lendas, e da oralidade dos anciãos repassada para o modernismo, que a complementa com a linguagem escrita, seja na língua etno-materna, seja na língua pátria. E centenas de produções literárias estão pipocando por todo o território brasileiro. O grafismo, os ritos, os cantos e as danças, este diversificado discurso é parte incomensurável na materialização da literatura indígena, enfim da cosmovisão indígena. [...] A literatura indígena cumpre o papel de resgate, de preservação cultural, de fortalecimento das cosmovisões étnicas.

[...] escrita por quem elabora narrativas inspiradas nas histórias contadas pelo avô ou pelos anciões, ou com base na própria experiência de vida, seja na aldeia, seja na cidade. A escrita é o desenho da memória, do tempo, da história. [...] Nascer e viver em aldeia me fez entender que a resistência precisa começar dentro de cada um de nós, buscando manter viva as memórias coletivas e pessoais de saberes que nos orientam na caminhada e no compromisso de lutar, junto de uma coletividade, por direitos e formas de seguirmos sendo continuidade.

Considerando o exposto acima, territorialidade, oralidade, corporeidade, memória e ancestralidade são evocadas pelos escritores e escritoras indígenas, em um movimento de retomada da soberania de suas narrativas ancestrais, ao mesmo tempo em que posicionam-se frente às violências sofridas desde o período colonial. Em um movimento de passagem da oralidade para o escrito (Dorrigo, 2017), a literatura indígena contemporânea mobiliza memória, experiência e ativismo, demarcando, sobre o texto, os territórios epistêmico, cosmológico e geográfico dos povos originários em uma prática político-literária que relampeja lutas cosmopolíticas (Barbosa, 2023; 2025). Dessa forma, a literatura indígena contemporânea pode ser compreendida como um movimento que, simultaneamente, ocupa espaços institucionais da literatura e procura transformá-lo de dentro por meio do pensamento crítico indígena, em uma elaboração estética própria.

2. Poemas de protesto³

Sabedoria do Pajé

Muracy, muracy guará, Pajé, guará.
Dança, dança, senhor pajé.

³ O título desta seção faz referência a última parte do livro Saberes da Floresta (2020), intitulada Pedagogia da Floresta (Poemas).

A cura sagrada na aldeia recebi,
Pajé com cachimbo reza e dança a Aracy,
Cantam na aldeia para o grande ritual
Karuana, karuana, sintonia ancestral.

Começa a cura com a força Javaé,
Na busca do bem é preciso fé,
A limpeza da alma vem da força animal,
Sintonia do homem com o sobrenatural.

Na dança, canta e pede a cura corporal,
Corta o feitiço e quebra a corrente do mal,
Pião e tabaco pra mistura do *rapé*,
No sopro sagrado afugenta *arabé*.

A festa começa nas águas do Igarapé,
Proteção que recebe da Iara apé,
Na *ayahuasca* o elo com o povo imortal,
Boiaçu, boiaçu, metamorfose final.

Sany Pajé! Muki wika yata, muy taiacu, iça e iawaretê.

Venha pajé, com a força da cobra-coral, do porco-do-mato, do macaco-de-cheiro e da onça.

(Kambeba, 2021[2020], p. 62, grifo da autora)

Márcia Wayna Kambeba é uma pesquisadora, escritora, artista e ativista indígena amazonense. Pertence ao povo Omágua-Kambeba, localizado no Alto Solimões (AM). É mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a primeira doutora indígena em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), onde defendeu a tese intitulada “Os Omágua/Kambeba: Narrativas, Dispositivo Colonial e Territorialidades na Pan-Amazônia Contemporânea” (2024)⁴.

Sua trajetória é marcada pela atuação enquanto professora no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e na colaboração com o curso de formação de professores indígenas da Universidade Estadual do Pará (UEPA). A escritora realiza palestras e rodas de contação de histórias no Brasil e na América Latina, promovendo reflexões sobre a luta histórica dos povos indígenas. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nos Estados Unidos e da Academia Formiguense de Letras em Minas Gerais. Como escritora tem mais de dez livros publicados por diferentes selos editoriais, incluindo as obras O

⁴ As informações sobre a defesa da tese de doutorado da escritora indígena podem ser conferidas em: <<https://ppgl.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/1299-primeira-mulher-indigena-a-defender-tese-de-doutorado-no-ppgl-ufpa>>. Acesso em: 04 de março de 2025.

Lugar do Saber Ancestral (2021 [2020]) e *Saberes da Floresta* (2020), a que esta seção é dedicada.

Em *O Lugar do Saber Ancestral* (2021[2020])), Márcia Wayna Kambeba, apresenta poemas de reflexão e manifesto sobre os modos de transmissão dos conhecimentos e dos sagrados indígenas. A obra ressalta a importância da oralidade, das vivências com e nos territórios ancestrais e da relação com a natureza. Kambeba faz ver em seus poemas as epistemologias indígenas e posiciona-se frente às violências do colonialismo-racismo. A autora evidencia a conexão existente entre sabedoria ancestral, território e a memória coletiva. Com um olhar sensível e crítico, os poemas da obra destacam as cosmologias indígenas e os modos de resistência desta população.

Na obra *Saberes da Floresta* (2020), a escritora indígena explora a relação dos povos originários com a floresta e os seres não-humanos que a compõem. Os poemas exaltam as tradições orais, os grafismos, as narrativas de origem e as práticas cotidianas, ao mesmo tempo em que fazem a crítica ao genocídio indígena e a colonização. Por meio de uma poética reflexiva, a escritora propõe uma leitura sensível e engajada sobre os territórios indígenas como espaços vivos de memória e resistência.



Figura 1
Márcia Wayna Kambeba. Fonte: Flip (2024)⁵

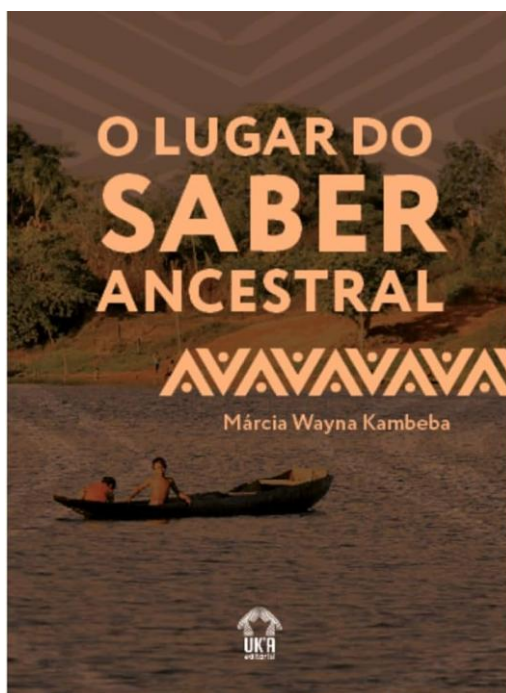


Figura 2
Capa da obra “O lugar do saber ancestral” (2021[2020])
Fonte: Arquivo do autor digitalizado (2025)

⁵ Disponível em: <<https://www.flip.org.br/autores/marcia-kambeba/>>. Acesso em: 04 de março de 2025.



Figura 3
Capa da obra “Saberes da Floresta” (2020)
Fonte: Arquivo do autor digitalizado (2025)

Os poemas das obras acima acionam experiências que atravessam os corpos e territórios indígenas e engendram um fazer de narrativas agenciadas por lugares de memórias que, por sua vez, tensionam espaços de poder em uma escrita pautada na experiência cotidiana e nos modos de vida tradicionais. Dessa maneira, a escrita de Kambeba, apresenta-se enquanto uma ferramenta político-discursiva marcada por práticas de reminiscência dos saberes ancestrais e suas reverberações sobre os corpos e territórios originários.

Nesse sentido, é pertinente aproximar as reflexões, da pensadora e deputada indígena, Célia Correa Xakriabá (2018), e da intelectual negra, Leda Maria Martins (2003, 2021), para enfatizar que estas obras ao mobilizarem corpo, memória, ancestralidade e oralidade inscrevem sobre o campo da literatura, certas assinaturas territoriais próprias dos povos indígenas (Barboza, Tukano & Waiwai, 2019). Isso porque, a transmissão dos saberes indígenas, seja pela oralidade, seja pela escrita, é antes de mais

nada uma ação do corpo. O corpo, aqui, entendido como lugar que guarda e preserva a memória ancestral de um povo. Para Correa Xakriabá (2018, p. 34):

Quando eu falo, eu não me preocupo se eu vou fazer uma fala de estrutura conceitual, formal, acadêmica. Embora transite no espaço acadêmico, a minha fala está ligada a esse enraizamento, e importa se esse vai alimentar as pessoas, se vai inspirá-las. Então, sempre, antes de falar, eu peço que fale não apenas a minha boca, mas também meu corpo, como lugar que guarda a memória daquilo que aprendo. Sinto que minha fala não é solitária, ela só tem força porque invoco e sinto a presença dos mais velhos e de minha ancestralidade.

Logo, se o corpo é lugar que guarda a memória ancestral, ao mesmo tempo em que impulsiona a oralidade, ele é, portanto, como destaca Martins (2003) um *local de inscrição do conhecimento*, isto é, o corpo enquanto espaço de movimentação de saberes e relações com os territórios originários e seus constituintes não-humanos. Conceitualmente, esse aspecto da literatura indígena contemporânea, sobretudo, das obras *O lugar do Saber Ancestral* (2021[2020]) e *Saberes da Floresta* (2020), dialoga com a diversidade das grafias dos saberes das comunidades negras, que como explica Martins (2021, p. 23):

Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia da voz, uma partitura da dicção, uma pigmentação grafitada da pele, uma sonoridade de cores. Do corpo adivinha um saber aurático, uma caligrafia rítmica, corpora de conhecimento.

Dessa maneira, ancestralidade, memória e oralidade, para as populações negras e indígenas no país, acionam processos de inscrição sobre corpos, recriando e atualizando suas práticas de pertencimento e resistência em composições que contribuem com a ideia de que o “tempo pode ser ontologicamente experimentado” (Martins, 2021, p. 23) e poeticamente representado por múltiplas formas de arte e literatura.

Essa proposição pode ser ilustrada pelo poema *Sabedoria do Pajé* (2021[2020]) em que o eu-narrador indígena enfatiza a profunda relação entre os regimes de produção dos saberes indígenas com seus territórios. Ao apresentar o conhecimento do pajé, as práticas de cura e a espiritualidade indígena, a voz narrativa, tensiona a concepção ocidental que separa “Natureza” e “Cultura” revelando uma cosmologia na qual rios, animais, plantas e espíritos compõem uma mesma rede de existência e agenciamentos. O

Igarapé, o tabaco, a Iara e a onça aparecem no poema como parte das *proposições cosmopolíticas* (Stengers, 2018 [2007]) indígenas em que seres humanos e não-humanos são sujeitos agentes ativos no e sobre o mundo.

O território é, portanto, o local que fundamenta estas relações e agenciamentos, tornando possível a produção, transmissão e atualização dos conhecimentos ancestrais. O Pajé enquanto mediador de forças humanas e não-humanas, é a personificação de uma epistemologia relacional da qual o saber desponta da sintonia de diferentes formas de vida e de diferentes sujeitos (Viveiros de Castro, 1996). O poema demonstra, assim, que a espiritualidade, os modos de cura e os conhecimentos indígenas dependem da manutenção de um conjunto de conexões interdependentes entre humanos e não-humanos, cuja continuidade encontra-se intimamente ligada à preservação dos territórios originários e seus múltiplos constituintes.

O lugar do Saber Ancestral (2021[2020]) e *Saberes da Floresta* (2020), de Márcia Wayna Kambéba, por meio da valorização da memória, dos regimes de conhecimentos e das relações de reciprocidade entre seres humanos e não-humanos, tornam visível os diversos modos de ser, conhecer e habitar mundos dos povos originários, ao mesmo tempo em que faz da escrita ativismo e denúncia frente à inúmeras formas de violências às quais os povos indígenas têm resistido secularmente. Os poemas das obras evidenciam não apenas a luta histórica indígena, bem como reivindicam a legitimidade de uma multiplicidade de regimes de conhecimentos. Protestam contra as violências coloniais, o racismo e a expropriação territorial, ao mesmo tempo em que contribuem para que outros modos de vida e pensamento possam continuar a (r)existir.

3. Memória e Resistência

A força da minha flecha

Andei por terras distantes
Cacei e fui caçado aos montes
Arrancaram-me dos braços da terra
Amarraram-me como animal para morte.

Gritei me debati e soltei-me
Corri me esquivei e livre-me
À bala, minha pele não olhou
Para mata ligeiro voltei.

Meu arco e flecha peguei

Sua ponta arrumei, afiei
Com raiva a flecha lancei
Esperei, acertei, mas não venci.

O tempo passou! Vesti-me e saí
Na escola estudei e me formei
Apreendi outra língua e entendi
Que a palavra é força e com ela me defendi.

Argumentar desse jeito nunca pensei
Liberdade para a nação sempre busquei
Hoje a flecha é a palavra
Que encontrei, afiei e lancei.

Milhares de pessoas
Com um só lance acertei
Não machuquei, não sangrei e não me esquivei
Abraços e apoio recebi
Com liderança vivi e aprendi.

E a paz? Essa vem no abraço
Que dos amigos pedi
Porque já é hora de se achegar, reunir e se unir!
(Kambeba, 2020, p. 138, grifo da autora)

Como se vê, conhecer e inteirar-se dos poemas de *O lugar do Saber Ancestral* (2021[2020]) e de *Saberes da Floresta* (2020) para além de exercício político-pedagógico, é também, um movimento de revisita as memórias, tradições e territórios indígenas que são evocados pelos eu-narradores dos textos. Os versos e estrofes são rememorações das histórias e experiências comuns à luta histórica dos povos indígenas no país, expressando o pertencimento da autora ao seu lugar de origem, sua ancestralidade e as inúmeras relações que sustentam os modos de vida indígenas.

As obras são “costura de saberes coletivos e de trajetórias múltiplas que outrora foram silenciadas e subalternizadas” (Barbosa, 2023), funcionando como escrita política que desconfigura a palavra dominante (Rancière, 2005), isto é, a língua colona. Ao evidenciar múltiplas temporalidades, modos de vida e existência, os poemas, elaboram mundos possíveis e fazem circular os conhecimentos indígenas em meio a sociedade não-indígena. Como destaca a própria autora, Márcia Wayna Kambeba, em *Saberes da Floresta* (2020, p. 51):

A sabedoria dos povos originários nos fez grandes, no sentido de buscar estratégias de não usar somente a força física, mas de fazer da sua ciência e da sua flecha com ponta de taquaraçu letras e mensagens, que, proferidas, serão certeiras, atingindo o alvo na parte mais importante, que é o pensamento crítico e reflexivo; atingindo a mente para chegar ao coração.

Tensionando e desierarquizando posições e estruturas de poder, os poemas de Kambeba, ocupam o texto com as presenças indígenas e os constituintes de seus mundos e cosmologias. Entretanto, mais do que rememorar, a escrita da autora, vislumbra novas possibilidades de existência e de enunciação. De tal maneira que sua obra pode ser aproximada das proposições de bell hooks (2008) acerca do papel da escrita e da linguagem como espaços de reconfiguração epistêmica, no elaborar de *novas paisagens/novas linguagens* (hooks, 2008).

Como destaca Mirian Cristina do Santos (2025), “é comum encontrar nas literaturas produzidas por mulheres negras e indígenas textos que trazem a língua/ a voz/ a palavra, e outros termos do mesmo campo semântico como temática de suas produções”, uma vez que estas publicações ao apropriarem-se da língua do opressor transformam a palavra em símbolo de resistência, como é o caso do poema *A força de minha flecha* (2020) cujos versos deslocam a luta física pela sobrevivência, marcada por inúmeras formas de repressão e perseguição, para o campo da linguagem. Se, a princípio, a flecha aparece como elemento de defesa do corpo e do território do eu-narrador, em seguida a palavra é que assume esse papel.

Nesse sentido, a escrita de autoria indígena é uma resposta ao epistemicídio sofrido pela colonização (Carneiro, 2023), uma vez que reivindica para os sujeitos indígenas o direito de enunciação e produção de conhecimento pela retomada de suas próprias narrativas. Assim a palavra, como mostra o poema, ganha a força de uma flecha, convertendo-se em um instrumento de restituição da autonomia política e intelectual. Afirmando a escrita como uma continuidade da luta histórica indígena, Kambeba, desafia hierarquias sociais e linguísticas, ao mesmo tempo em que produz cenas de dissenso e práticas de resistência pela escrita (Lima Gonçalves Amorim Da Silva & Abreu Matos, 2024).

Esse entrelaçamento de memórias, História, resistência e ancestralidade faz do texto uma forma de ativismo pelo qual escritores indígenas têm se engajado, ao mesmo tempo em que mobiliza fronteiras territoriais para elaborar “um espaço para a produção cultural [...] e epistemologias alternativas [criando] uma visão de mundo contra hegemônica” (hooks, 2008[1994], p.860).

Há, em *O Lugar do Saber Ancestral* (2021[2020]) e *Saberes da Floresta* (2020), uma experiência estética que dialoga com a memória ancestral indígena e que é percebida enquanto algo que foi experienciado nos territórios, nas tradições e nos conhecimentos e, que por sua vez, é acionado pelas vozes narrativas que habitam os poemas. Como assinalam Lima Gonçalves Amorim Da Silva e Abreu Matos (2024, p. 82), a experiência estética nas literaturas de grupos sociais minoritários:

pode ser apreendida enquanto vivências que envolvem a interseção entre a percepção estética e o acionamento de memórias afetivas. Experiências que conectam passado e presente, possibilitando reflexões sobre tempo-espço, reconstruindo as memórias do lugar, das pessoas e dos territórios. Qual seja, a experiência estética quando vivenciada, atravessa nosso corpo, convocando não apenas um sentido, mas uma multiplicidade de elementos da memória e da subjetividade que recriam estes sentidos ultrapassando temporalidades cronológicas enquanto possibilidades nos hiatos das presenças/ausências, esquecimento/lembrança.

Dessa forma, a experiência estética, ao estar em conexão com a memória de um grupo/povo ressignifica lugares, tempos e pessoas, ao passo em que atravessa corporeidades e mobiliza elementos de subjetividades outras. As paisagens manifestadas por Kambeba aparecem nos intervalos entre presenças e ausências e entre esquecimento e a lembrança. Como reforça Márcia Wayna Kambeba (2019, pp. 95-96), a escrita de autoria indígena:

[...] é um ato de sintonia com a ancestralidade, é ser guiado pela espiritualidade que em nosso corpo-território habita; e a poética precisa ser sentida, não só ouvida. [...] Para isso me utilizo de fotografias, ou do próprio lugar. Escrevo muito quando estou dentro de aldeias, ver o cotidiano do povo, um movimento de canoa chegando à tardinha, o buchicho das mulheres num sorriso tímido e silencioso cedo do dia indo tomar banho no rio, sempre o rio nas minhas escritas poéticas, a mata e as relações de pertencimento que se unem a uma escrita que buscar ser didática, mas prazerosa e motivadora de querer entender mais sobre a afirmação de ser indígena vivendo em aldeia ou cidade, conversando com a sociedade, num convite dinamizado pela prática da multiculturalidade, sem perder o amor, respeito e solidariedade. Os povos indígenas se fortalecem na união, sabem que precisam manter seus laços identitários que os torna pertencentes a um povo. Por isso a escrita é importante, nasce desses momentos sagrados, dessa ligação com o universo ancestral e místico.

Diante disso, a literatura de autoria indígena contemporânea, têm tornado visível as narrativas de origem, os saberes e modos de vidas indígenas que foram historicamente silenciados e apagados por um projeto colonialista eurocêntrico. Nesse movimento de

fazer ver mundos, a condição à margem deixa de ser ausência e torna-se um espaço fundamental de enunciação do eu-narrador coletivo indígena tornado autoetnógrafo (Kopenawa; Albert, 2015), a partir do qual se afirma outros regimes de produção de conhecimento e uma multiplicidade de formas de habitar, existir, pertencer e narrar. Mais do que um espaço de memória e denúncia do passado histórico e das violências presentes, essa literatura, elabora futuros possíveis, reafirmando os modos de resistência indígenas e a continuidade de suas cosmologias que diariamente se reinventam e se atualizam diante das permanências da colonialidade, seja do Estado, seja da sociedade-não indígena.

Considerações Finais

Resistência Kokama

Na resistência de um povo,
Sinto a força que se espalha como rama.
Na cultura que se entrelaça de um jeito novo,
Vejo a sabedoria nos olhos do povo Kokama.

Resistência dos que falam de uma história.
O valor de ser Kokama ficará na memória,
Em que os *kurumins* aprenderão a valorizar
A identidade que de sangue o “outro” veio manchar.

Lute e cante, grite forte,
Essa geração que vem do Norte
Sem medo de se afirmar,
Na aldeia ou na cidade
Kokama reaparece para lutar.

Pela igualdade,
Pela cultura na cidade,
Pela arte que é milenar,
Unidos, Kokama, Kambeba, Ticuna
Venham! Mostrem que são donos desse lugar

(Kambeba, 2021 [2020], p. 88, grifo da autora)

As obras, *O Lugar do Saber Ancestral* (2021[2020]) e *Saberes da Floresta* (2020), de Márcia Wayna Kambeba contribuem para a luta histórica dos povos indígenas no Brasil pela valorização dos saberes, tradições e modos de vida originários, bem como pela crítica e confrontação ao colonialismo e ao racismo. Por meio de poemas de protesto, a escritora indígena, elabora *novas paisagens/novas linguagens* (hooks, 2008) sobre os mundos indígenas e seus territórios.

O efeito estético dos textos se dá pela conexão entre memória ancestral, escrita e resistência. Ao tensionar as hierarquias e estruturas de poder, os poemas denunciam violências, ao mesmo tempo em que valorizam e fortalecem a causa indígena no país e na América Latina. As constantes menções aos corpos, territórios e a ancestralidade indígenas imprimem sobre o campo da literatura, assinaturas e formas de territorializações que são próprias dos povos originários, recriando e atualizando, assim, práticas de resistência e pertencimento.

A literatura indígena contemporânea desfaz imagens cristalizadas pela colonização, ao se posicionar contra as formas de opressão e aos mecanismos de poder da sociedade não-indígena. Trazendo a luz a diversidade epistêmica e cultural indígena, essa literatura, ocupa o texto com uma multiplicidade de vozes humanas e não-humanas que ao se expressar em linguagem formal alfabética, faz do eu-narrador coletivo indígena autoetnógrafo, imprimindo sobre a literatura suas próprias visões antropológicas, cosmológicas e estético-literárias, ao mesmo tempo em que se insere em um panorama mais amplo da sociedade não-indígena, dado seu caráter político e politizante.

Nesse contexto, o trabalho de Kambeba propõe um diálogo com a sociedade não-indígena, suas instituições e cenários culturais urbanos, trazendo para o centro do debate a causa e condição indígena no país. Essa expressão estético-literária indígena engaja-se com o real sentido e significado do que representa ser uma pessoa indígena (Smith, 2018[1999]). As experiências e vivências, subjetivas e coletivas, de exclusão, opressão e marginalização, bem como a afirmação étnico-identitária, antropológica e cultural fundamentam e dão o tom a crítica e a perspectiva poético-criativa que compõem as obras.

O poema *Resistência Kokama* (2021) encerra esta breve discussão sintetizando esse movimento que transforma memória, identidade e luta coletiva em matéria poética, corroborando com os modos de resistência indígena e reivindicando o direito de existência e enunciação, seja na aldeia ou na cidade. Desse modo, a escrita literária indígena, é transformada em ferramenta de memória, ativismo e resistência que transgride o epistemicídio, autoetnografa mundos e seus constituintes humanos e não-humanos, ao mesmo tempo em que elabora novas paisagens literárias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Thais Viana. Demarcando territórios epistêmico, cosmológico e geográfico: a escrita de autoria indígena. **Revista de Antropologia da UFSCar**, 15 (1), jan./jun. pp. 229-247, 2023.

_____. Mulheres indígenas na literatura: quando a poesia relampeja lutas cosmológicas. **Maloca: Revista de Estudos Indígenas**, Campinas, SP, 2025 v. 7, n. 00, p. e024008. DOI: 10.20396/maloca.v7i00.18796. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/18796>. Acesso em: 4 mar. 2025.

BARROS, Randra Kevelyn Barbosa. **O canto de Graúna: uma poética da heterogeneidade nas literaturas indígenas brasileiras contemporâneas**. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2022.

BARBOZA, M. S. L., TUKANO, L. D. Y. e WAIWAI, J. X. “Corpoterritorialização” Katukina: Lampejos etnográficos sob as perspectivas femininas indígenas. **Amazônia-Revista de Antropologia**. v.11 (2), 2019, pp.503-547

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Zahar Editora, 2023, pp. 479

CORREA XAKRIABÁ, C. N. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Departamento de Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, Brasília, 2018.

DANNER, L.; DORRICO, J.; DANNER, F. Uma literatura militante: sobre a correlação de movimento indígena e literatura indígena brasileira contemporânea. **Aletria**, Belo Horizonte, 2018. DOI: 10.17851/2317-2096.28.3.163-181

_____. Um xamã yanomami frente ao discurso filosófico-sociológico da modernidade. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 53, pp. 243-269, jan./abr, 2018

_____. Autoria, autonomia, ativismo: Educar e politizar pela e para a escrita – notas sobre a literatura indígena brasileira contemporânea. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico, Fernando Danner, Leno Francisco Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

DE LA CADENA, M. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da 'política'. Trad. Lucas da Costa Maciel e Fernanda Borges Henrique. **Maloca. Revista de Estudos Indígenas**. Campinas, SP. v.2, pp. 1-37, 2019.

DORRICO, Julie. A oralidade no impresso o eu-nós lírico-político da literatura indígena contemporânea. **BOITATÁ** , v. 12, pp. 216-233, 2017..

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando. “A literatura indígena brasileira contemporânea: A necessidade do ativismo por meio da autoria para

a garantia da autonomia”. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico, Fernando Danner, Leno Francisco Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, pp. 16-21, 2007.

_____. A escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. - 1. ed. – Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

HOOKS, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. 16 (3): 424, setembro-dezembro, 2008.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da Floresta**. – São Paulo: Jandaíra, 2020.

_____. **O lugar do saber ancestral**. – 2a. ed. – São Paulo: UK'A, 2021.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015[2010].

LIMA GONÇALVES AMORIM DA SILVA, T. & ABREU MATOS, D. Memória, experiência estética e modos de resistência no selo Andarilha Edições: uma experiência no Recôncavo Baiano. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 27, n. 2, pp. 69–92, 2024. DOI: 10.29146/eco-ps.v27i2.28243.

MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, (26), pp. 63–81, 2003.

_____. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUNDURUKU, Daniel et al. (org.). **Jenipapos: diálogos sobre viver**. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2022. E-book.

NATALI, Marcos. **A literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária**. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara** (3a Ed.). Rio de Janeiro: GRUMIN, 2019 [2004].

_____. **O vento espalha a minha voz originária.** Rio de Janeiro, RJ - 1a. ed. - GRUMIN, 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** 2.ed. São Paulo: Editora 34/EXO, 2005.

SANTOS, Mirian Cristina dos. Amefricanidade e as literaturas negro-brasileira e indígena de autoria de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 33, pp. 1-11, 2025.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas** (trad. Roberto G. Barbosa). Curitiba: Ed. UFPR, 2018[1999].

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, pp. 442-464, 2018 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, pp. 115–144, out. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs/>. Acesso em: 3 jun. 2026